



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6477 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

NARRATIVAS INFANTIS SOBRE CORPOS NEGROS: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL
Cristina Teodoro - UNILAB - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA

Agência e/ou Instituição Financiadora: não

NARRATIVAS INFANTIS SOBRE CORPOS NEGROS: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Resumo

Este artigo busca apresentar uma análise da pesquisa de doutorado que investigou a construção da identidade étnico-racial de crianças em espaços de educação infantil. O grupo pesquisado era formado por crianças de quatro e cinco anos de idade, sendo 20 meninas e 13 meninos. O objetivo foi compreender as estratégias que crianças em idade pré-escolar utilizavam para a construção de suas identidades étnico-raciais. Foi desenvolvido um estudo de caráter etnográfico, com uso de alguns procedimentos: observação participante, diário de campo, contação de histórias pelas crianças e, conversas informais com as crianças. A base teórica foi a partir dos estudos sobre Relações Étnico-raciais e as contribuições dos Estudos Sociais da Infância. Os resultados mostraram que crianças de pouca idade conheciam e empregavam as categorias étnico-raciais e; verbalizavam o desejo de ter características associadas ao grupo de pessoas brancas, sendo o cabelo e a tonalidade da pele, as mais mencionadas.

Palavras-chave: identidade étnico-racial; Educação Infantil; criança e infância; corpos negros; relações étnico-raciais.

1 EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAS: CENAS INICIAIS

O presente artigo faz parte do contexto das discussões, estratégias e políticas realizadas no amplo território científico das relações étnico-raciais, na seara da educação. Compreende-se, aqui, que a raça é uma construção social e que não corresponde a nenhuma realidade natural, mas sim, de um conceito que detona classificação social, baseado em atitudes negativas – racismo – frente a alguns

grupos sociais Guimarães (1999, p. 9 e 64).

Os primeiros estudos sobre criança e raça, foram realizados por Fúlvia Rosemberg, na década de 1970. Desde aquela época, a autora teceu contribuições significativas para a compreensão sobre as desigualdades sociais e raciais que ocorriam na realidade vivenciada entre crianças brancas e negras. As pesquisas por ela realizadas, subsidiaram o desenvolvimento dos primeiros estudos qualitativos que tiveram como campo, instituições de Educação Infantil, principalmente, a partir da década de 1990 (Dias, 1997; Cavalleiro, 1998, Godoy, 1996). As pesquisas sobre relações étnico-raciais na seara da Educação Infantil, aos poucos, foram se ampliando e, boa parte delas, constataram e constatarem, a existência de experiências preconceituosas e discriminatórias sofridas pelas crianças negras naquele espaço. Também, demonstram o silenciamento de professores, frente as denúncias de sofrimento, realizadas pelas crianças negras pequenas.

Com base nos estudos sobre relações étnico-raciais na Educação Infantil, procuro tecer nesse artigo reflexões por meio de alguns resultados de uma pesquisa que buscou compreender a construção da identidade étnico-racial de crianças pequenas em uma instituição de Educação Infantil, localizada na cidade de São Paulo. A pesquisa foi um estudo etnográfico, desenvolvido durante dois semestres, 2008-2009. Os procedimentos utilizados para a produção de dados, foram: a observação participante das relações sociais entre as crianças, conversas informais com as crianças, contação de história pelas crianças, análise de documentos institucionais, entrevistas informais com as profissionais envolvidos e, diário de campo que acompanhou toda a investigação. Tomando como base os estudos existentes acerca das relações étnico-raciais na educação infantil, também foi assumida uma perspectiva pautada nos Estudos Sociais da Infância que reconhece as crianças como *atores sociais* de pleno direito, competentes para criar diferentes expressões e manifestações culturais (SARMENTO; PINTO, 1997).

2 IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL: AS CRIANÇAS PEQUENAS

De acordo com Munanga (2012) a identidade individual faz parte do processo de construção do ser, significando sua existência. Segundo o autor, pode ser considerado a identidade individual, é formada em composição à identidade pessoal, pelo nome, e, da identidade familiar, pela adição dos sobrenomes das duas famílias, do pai e da mãe. Segundo Mendonça (2007), ao citar Jacques d'Adesky, explica que a passagem da identidade individual para a identidade coletiva, é feita pela noção de *pertencimento* e pelo processo de *identificação*. Para ele, a identificação está ligada ao sentimento de pertencimento que, por sua vez, é um fator da identidade coletiva. A identidade coletiva é perceber o “mesmo”, nos “outros”. Nesse sentido, o grupo torna-se uma coletividade cuja estruturação e unificação permitem um acesso a um nível mais seguro de existência.

Nessa perspectiva, é preciso separar a identidade coletiva (ser brasileiro) e a reivindicação de uma identidade étnica (ser negro). Para o autor, no Brasil, apesar do racismo não ser essencialista, ou seja, não negar o *tipo negro* em sua humanidade, exige, para a sua aceitação social, que ele *embranqueça*, que compartilhe da depreciação coletiva da imagem do negro, ou, dos credos e das práticas de desvalorização generalizada de suas especificidades, as quais o identificam coletivamente com outras pessoas negras (MENDONÇA, 2007, p.124).

Assim, para se falar em identidade étnica como desejo de reconhecimento, é necessário se basear na busca da valorização social das especificidades (da dignidade intrínseca da raça e da herança cultural). Ele continua, “a reivindicação da

identidade étnica não é, nunca foi e nem será causa do racismo, mas consequência dele.” (p. 125). Pois, essa identidade surge após a tomada de consciência política pelos movimentos negros diante da exigência do reconhecimento público de sua identidade para a construção de uma nova imagem positiva que possa lhe restabelecer a sua autoestima rasgada pela alienação racial.

Estudos sobre a construção da identidade étnico-racial de crianças têm sido desenvolvidos no Brasil, desde a década de 1950. De acordo com o Bento (2012), a maioria deles demonstram que as crianças de pouca idade têm conhecimento e entendimento do que ocorre à sua volta em relação as situações de racismo e discriminação, até mesmo quando tudo acontece de forma silenciosa e rápida, esse entendimento pode deixar marcas profundas que impactam diretamente na construção da sua identidade.

No Brasil, ainda são poucas as pesquisas realizadas com crianças para compreender a construção de sua identidade étnico-racial; diferente do que ocorre nos Estados Unidos da América (EUA). Naquele país, desde a década de 1940 pesquisadores têm se debruçado sobre a complexidade dessa área de estudos, enfocando, principalmente, crianças em faixa etária pré-escolar. Entre os pesquisadores, Aboud (1987) encontrou um aspecto importante relacionado à autoidentificação incorreta, ou seja, quando uma criança se identifica como membro de um grupo do qual ela não faz parte, segundo ela, essa forma de identificar-se era mais frequente em crianças negras de seis anos de idade. Elas acreditavam que poderiam, em mudanças de contexto e/ou de vestuário, se tornar brancas.

A questão de “preferência” por um grupo étnico que não o seu de origem foi, também, objeto de estudo de outros pesquisadores, como Kenneth Morland (1958), encontrou resultados semelhantes aos de Aboud (1987). Ao pesquisar crianças brancas e negras, Morland descobriu que havia, em ambas, uma predisposição, desenvolvida desde muito cedo, de se identificarem como brancas. A maioria das crianças, tanto brancas quanto negras, possuía essa predisposição desde os três anos de idade, podendo permanecer com ela até por volta dos cinco anos. De acordo com Morland (1958, p. 478), essa predisposição só é desenvolvida pelas crianças quando elas têm contato com as atitudes e os efeitos da discriminação racial.

3 IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL: A CONSTRUÇÃO DE CORPOS NEGROS NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS

O grupo de crianças que participou da investigação era composto por 33 (trinta e tres) crianças, 13 meninos e 20 meninas, de quatro a cinco anos de idade. As informações demonstraram que as crianças, de forma geral, advinham de famílias nas quais o pai ou/e a mãe possuíam níveis profissionais bastante semelhantes, relacionados às atividades técnicas e domésticas.

Aos poucos, com o passar do tempo, minha relação com as crianças, foi ficando mais próxima, por meio de seus gestos, beijos, sorrisos, e, rejeições, analisava se estava fazendo progresso. Com mais segurança, somente a partir do segundo semestre, foram desenvolvidas estratégias específicas para averiguar quais eram as diferenças que as elas percebiam nas pessoas. As perguntas: (1) Com quem você se parece: com seu pai ou com sua mãe? (2) Quem é diferente de você e por quê?, possibilitaram o conhecimento sobre as habilidades das crianças para desenvolverem processos de heteroclassificação de seus pais e, a autoclassificação, delas. Dentre as que se autoidentificaram, sete (7) disseram ser pretas, nove (9) brancas, sete (7) morenas e uma (1) negra. Duas crianças recorreram à

categorias que foram denominadas de híbridas, por empregarem mais de um termo (preta e chinesa) ou gradações relativas à cor (branco escuro, branco moreno, um pouquinho preto). Finalmente, duas outras deram respostas vagas, que não permitiram identificar qual é a cor/raça que se atribuem (escura, cor da pele).

Estamos caminhando e começando a descer as escadas. Giovanna Pino, que estava próxima, diz: “Cara de batom”. Por que cara de batom?, pergunto. A menina responde: “Você e a Karollayne têm cara de batom. Quem é preto tem cara de batom”. Pergunto por que e ela me diz: “Porque sim.” (Registro, 14/5).

Em outro dia, volto a perguntar para Giovanna Pino: Por que você disse que eu e Karollayne temos cara de batom? Ela, então, explicita o que quer dizer: “Porque vocês são pretas: têm a cara pintada como batom (que pinta a boca).” (Registro, 25/5).

Essa foi a primeira situação em que pude observar, entre as crianças e com muita espontaneidade, a menção a uma identificação étnico-racial. Com a deixa da menina Giovanna, passei a conversar mais livremente com as crianças, fazendo as perguntas, já citadas, que, eram sempre gravadas. Por meio de suas respostas, foi possível verificar que as mesmas recorriam a outros aspectos, para marcar a identidade étnico-racial, como, por exemplo, a textura do cabelo. Assim, a classificação preto e moreno foi, algumas vezes, complementada pela menção a cabelo duro. Cabelo cacheado, que aparecia simultaneamente na categoria branco e na categoria moreno, cabendo destacar, entretanto, que nesta última há, também, associação à textura dura, de modo que o termo moreno podia comportar tanto atributos físicos relacionados às pessoas brancas quanto às pessoas negras.

Entre as crianças, os casos que seguem, serão considerados, para este artigo. Bianca, que se identificou como branca, chamou à atenção. Com tez escura, semelhante à das pessoas negras (pardas ou pretas) e cabelos bem cacheados, disse inicialmente que não queria ser diferente para, em seguida, afirmar que gostaria de ser loira.

Pergunto a Bianca se ela gostaria de ser diferente. Ela me diz: “Não”. Insisto: Você gosta do jeito que você é? “Não”. Como você gostaria de ser, perguntei-lhe. “Loira”. Quis saber por que ela queria ser loira. Ela me disse: “Porque minha irmã é”. Mudei a pergunta: E o que você mais gosta em você? Ela disse: “Meu corpo”. Perguntei-lhe em seguida: E o que você não gosta? Ela foi direta: “Meu cabelo”. Quis saber como ela gostaria que fosse seu cabelo. Ela me disse que queria que ele fosse “de branco”. Achei que ela queria que seu cabelo fosse liso e perguntei-lhe isso. Ela falou: “Eu queria, sim”. Passei a perguntar com quem ela se parecia. Bianca me disse que com seu pai. Perguntei-lhe como ele era e ela me respondeu que não sabia. Em seguida, disse: “Ele tem cabelos cacheados e olhos grandes como os meus”. Quis saber de sua mãe, como ela era. Bianca me contou o seguinte: “Ela tem pouco cabelo cacheado, é preta e pequena. E meu pai é branco. Minha irmã é bonita e meu irmão é mais ou menos bonito”. Claro que fiquei curiosa para saber por que o irmão era “mais ou menos bonito”. Ela me explicou: “Porque ele tinha o cabelo duro, mas agora ele alisou e tem o cabelo liso. Agora ele é bonito”. Eu pergunto: E os cabelos de sua mãe, como são? A resposta foi curta: “Cacheados e duros.” (Sala, 29/5).

Bianca foi a única das meninas que, tendo a pele escura e os cabelos bem cacheados, se identificou como branca. No relato da criança, é possível identificar a existência um padrão e concepção de beleza pautada na cor da pele branca e na textura do cabelo liso. O ideal do branqueamento, construídas historicamente até meados do século XX, exaltando a branquitude como um modelo da identidade

racial, está presente e segue sendo alimentado por um racismo que estrutura a sociedade. A constituição de identidade dessa criança tem sido mantida por meio das relações sociais das quais ela é parte, seja na família, na creche, e, os diferentes meios de comunicação, ao divulgarem, permanentemente uma cultura hegemônica, que apresenta um corpo universal – branco.

Na maior parte dos casos, o moreno, quando acompanhado de traços negros, vivencia situações perversas que resultam em sofrimento. “*O cabelo, eu não queria esse topete e também queria ser branco. Eu queria que meu pai “nascesse” branco, minha mãe “nascia” branca e minha irmã “nascia” branca! Queria toda a minha família branca*” (Luiz Gabriel, mãe morena, pai não identificado). No relato de Luiz Gabriel, chama a atenção o fato de que as modificações almejadas foram estendidas a todos os membros da família. A raça, como definido anteriormente, adquire, nas palavras desse menino, um significado cultural socialmente construído entre nós: ser branco é ser melhor. Guilherme endossa claramente essa ideia ao dizer:

Eu também gosto de ser branco, porque ser preto é ruim. Eu gosto de ser branco. Queria que fosse minha família toda, mas, agora, minha mãe era negra e, agora, ela está branca. Eu queria ser branco. Eu gosto [do meu cabelo], da cor eu gosto, também. Mas da cor da minha pele eu não gosto! (Guilherme, moreno, mãe negra e pai não identificado).

Na realidade, a mãe de Guilherme tinha vitiligo, uma doença que ocasiona perda de pigmentação. Ao observar o que se passava com ela, o menino, que achava o fato de ser preto algo ruim, parece ter inferido que pessoas negras podem, em algum momento, se tornar brancas. Desde muito pequenas, em diferentes situações e por várias vezes, as crianças estudadas, com traços relacionados ao grupo negro, explicitaram não se identificarem com algumas de suas características, indicando uma valoração negativa de seu grupo étnico-racial. “O corpo é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. [...] o corpo é uma linguagem e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma dessas partes” (GOMES, 2003, p. 174). Para Bento (2012),

a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está o adulto, no que diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança (BENTO, 2012, p.112).

O corpo, no caso das crianças, é a primeira linguagem e, a principal forma de comunicação. Para o grupo étnico-racial negro, a dupla, corpo e cabelo, historicamente tem se transformado em ferramenta de resistência e de transformação, no entanto, quando as crianças são pequenas e, que precisam do outro, para ter voz, viver e conviver com um corpo que a todo tempo precisa ser negado, resta, para elas, o sofrimento.

CONSIDERAÇÕES

O artigo buscou apresentar como as crianças, em particular, as negras,

constroem suas identidades no âmbito da Educação Infantil. Foi possível constatar que a dupla, corpo e cabelo, tem papel fundamental neste processo de constituição, sendo vistos, por elas, como uma marca negativa de seu pertencimento étnico-racial, lhes causando dor, negação e sofrimento. Nesse sentido, é necessário que a família, como primeiro grupo de socialização, e a Educação Infantil, como primeiro espaço de socialização institucionalizada, desenvolvam formas de ressignificar a forma como as crianças estão construindo suas identidades, por meio de seus corpos. Sendo assim, há que se pensar outras estratégias de socialização e práticas pedagógicas que resultem na emancipação das crianças, permitindo que elas possam viver livremente, suas infâncias, simplesmente, sem a racialização hierarquizada de corpos. Permitindo, assim, que elas, sejam brancas ou negras, possam ser apenas crianças, em sua plenitude HUMANA.

BIBLIOGRAFIA

ABOUD, Frances. **The development of ethnic self-identification and attitudes** In: PHINNEY, J. S.; ROTHERAM, M. J. *Children's ethnic socialization*. Newbury Park: Sage Publications, 1987.

ANDREWS, George. Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: Edusc, 1998.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **A identidade racial em crianças pequenas**. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (organizadora). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 98- 117.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio da escola**. São Paulo: Contexto, 2003.

DIAS, Lucimar. Rosa. **Diversidade étnico-racial e educação infantil: três escolas, uma questão, muitas respostas**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

GODOY, Eliete. Aparecida. **A representação étnica por crianças pré-escolares: um estudo de caso à luz da teoria piagetiana** 1996. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GOMES, Nilma. Lino. **Cultura negra e educação. Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-84, mai./ago. 2003.

GUIMARÃES, Antônio. Sérgio. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: 34, 1999.

MENDONÇA, Gustavo Proença S. **Desigualdades Raciais no Brasil: os Desafios da “Luta por Reconhecimento” para o Constitucionalismo**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 28 de Mar. 2007.

MORLAND, Kenneth. **The development of racial bias in young children. Theory into Practice**, v. 2, n. 3, p. 120-127, jun. 1963.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania** Departamento de Antropologia – USP, 2012.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças e a infância: definido conceitos, delimitando o campo.** In: *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga – Portugal: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, p. 7-30,1997.

ROSEMBERG, Fúlvia, (1991). **"Raça e Educação Inicial"**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 77, p. 25-34, mai.